

# MÁRIO DE ANDRADE E O ATRASO BRASILEIRO<sup>1</sup>

*Roberto Barbato Jr<sup>2</sup>*

## SUMÁRIO

Discute o conceito de nacionalidade entre os intelectuais dos anos 1920. Mostra como Mário de Andrade via o problema, observando como o intelectual paulista encara o atraso social do Brasil como um possível “contingente original de cultura”, lendo-o menos como entrave do que como vantagem à inserção do País no mundo moderno.

**Palavras-chave:** Mário de Andrade, atraso, nacionalidade, modernização, modernismo.

Sintoma de marginalidade evidente, o atraso brasileiro constitui tema de ampla envergadura; tendo sido, ao longo do século XX, discutido por intelectuais de inspirações as mais diversas. A despeito das inúmeras interpretações já realizadas, é possível encontrar também evidências da ressonância do tema para escritores que não tiveram, por assim dizer, um compromisso rigoroso em desvendá-lo. De forma sutil, muitas vezes subjacente, encontra-se uma profusão de alusões a essa temática em romances, ensaios de crítica e outros gêneros de interpretação da realidade social.

Tributárias do compromisso de compreensão da nacionalidade, as gerações de 1920 e 1930 foram fundamentais no que tange à concepção de um Brasil moderno, em que pesem as dificuldades para vislumbrar um horizonte de alternativas viáveis para a solução do destino nacional. Assim,

<sup>1</sup> Este artigo resultou de pesquisa financiada pelo CNPq e pela Fapesp.

<sup>2</sup> Mestre em Sociologia e Doutorando em Ciências Sociais pela Unicamp.

embora possam ser vistas como “desprovidas de um pensamento utópico”<sup>3</sup>, as gerações aludidas se inscrevem entre aquelas cujas problematizações sobre o nacional foram as mais precisas e contundentes<sup>4</sup>. A contribuição dos modernistas é um exemplo paradigmático. Pautados na intenção de desenhar um Brasil autônomo, foram eles que objetivaram levar a termo a tarefa de construção da nacionalidade. Para tanto, a avaliação sobre o atraso tornou-se imperativa, na medida em que sentiram o descompasso do país na ordem mundial. Contudo, tal problemática nem sempre foi explicitada de modo a permitir uma visão sistematizada sobre suas causas e conseqüências. De maneira singular, em obras de escritores filiados ao Modernismo, o atraso pode ser visto mais como um “sintoma de marginalidade”, um mal-estar cujos reflexos, tão evidentes na produção cultural, se fizeram sentir no amplo esforço de construção da nação.

Não se constituindo propriamente numa análise sobre a noção do atraso, a obra de Mário de Andrade, entre muitas outras, sugere a especificidade de nossa formação. Preocupado com o destino da arte nacional, o líder modernista foi capaz de indicar várias injunções da nacionalidade que incidiam incisivamente no cenário da cultura brasileira. Sem querer esgotar a questão e temendo fazer dela um mero objeto de especulação, procuraremos trafegar pelas inquietações subjacentes à problemática do atraso, pressupondo que nas entrelinhas de seus textos da década de 1920 repousa um diagnóstico interessante sobre as formas de modernização nacional. Em vista disso, seria necessário assinalar que se o autor não sistematizou esta questão, supor que em sua obra o problema não esteja de alguma maneira equacionado corresponderia a uma minimização da importância do tema. Em outras palavras, desconsiderar que toda a obra marioandradina aborde, ainda que de maneira sutil, a existência do atraso nacional seria como cifrá-la a uma mera veleidade intelectual, destituída do compromisso com a realidade social do período mencionado.

<sup>3</sup> Cf. MARTINS, Luciano. A gênese de uma *intelligentsia*. Os intelectuais e a política no Brasil 1920 a 1940. Revista Brasileira de Ciências Sociais

<sup>4</sup> A esse respeito, a análise de Octávio Ianni explicita bem o valor das contribuições da geração de 1930. Segundo ele, “em 1930 o Brasil realizou uma tentativa fundamental no sentido de entrar no ritmo da história, tornar-se contemporâneo do seu tempo, organizar-se segundo os interesses dos seus setores sociais mais avançados. (...) Foi na década de 1930 que se formularam as principais interpretações do Brasil Moderno, configurando ‘uma compreensão mais exata do país’. Muito do que se pensou antes se polariza e se decanta nesta época. E muito do que se pensa depois arranca das interpretações formuladas então”. Cf. IANNI, Octávio. *A idéia de Brasil moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 29.

## Mário de Andrade e a geração modernista

Avaliar as condições em que a modernidade era pensada pela geração modernista impõe a compreensão das decorrências do atraso na produção da cultura brasileira. Pensando de forma sintética, poderíamos dizer que nossa subserviência aos países dominantes do capital mundial acabou acarretando inúmeras deficiências para os artistas e os pensadores comprometidos com a construção de uma cultura tipicamente nacional. Parece que a tônica de modernização, por meio da busca da brasilidade, ficara obstaculizada diante da marginalidade em que o país se encontrava. Havia, por conseguinte, um reflexo das condições atrasadas em direção ao ideal de cultura almejado pelos modernistas. Este reflexo deve, entretanto, ser relativizado, pois é certo que as influências estrangeiras absorvidas pela vanguarda modernista tiveram de se adaptar ao solo nativo, mesmo porque a condição periférica do país exigia que assim se procedesse<sup>5</sup>. Esse acomodamento das estruturas ideológicas estrangeiras ao Brasil, ressalta-se em boa medida por meio do programa marioandradino de nacionalização artística, bem como por intermédio da tônica do primitivismo. A inspeção sobre o passado fora, diante disso, necessária para entender a forma de orientar a modernização. Embora possa soar paradoxal às propostas de renúncia ao passado “bacharelesco”, é em função da articulação “passado-presente” que a modernização cultural poderia adquirir vulto suficiente para consolidar-se. Também a tensão entre modernidade e atraso pode assim ser verificada, promovendo uma integração. Neste sentido, a intenção marioandradina de modernização nacional e suas inquietações para com o atraso brasileiro merecem ser avaliadas tendo-se em vista a mesma ambigüidade que norteia seu pensamento quanto à existência das tradições no cenário da modernidade<sup>6</sup>.

Analisando a inauguração da fase em que a brasilidade constitui a voga do Modernismo, por volta de 1924, Eduardo Jardim de Moraes apoia-se no exame do manifesto Pau-Brasil para concluir que “...o modernismo não é o negador da totalidade do passado. Ao contrário, ele

<sup>5</sup> Cf. MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista. Sua dimensão filosófica*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. p. 80.

<sup>6</sup> A respeito desse problema consultar BARBATO JR, Roberto. Tradição e modernidade: a *utopia incompleta* de Mário de Andrade. *Revista Temáticas*, Campinas. [no prelo].

deve se propor a integração do moderno a um certo passado. Passado nacional.”<sup>7</sup>

Com isso fica claro que o atraso deve ser pensado segundo uma fórmula que procura conciliar a modernidade à própria situação de dependência nacional. Talvez tenha sido este o propósito de Mário de Andrade ao avaliar a relação Metrópole-Colônia ou, para melhor explicitar, é assim que o autor procura satisfazer a compreensão dos fatores – em última análise, herdados da colonização – que condicionaram a impotência operante no ramo das artes e da cultura nacionais.

### **Nacionalidade: suposto de modernidade**

Flagrado pelo desconforto de viver numa “imundície de contrastes”, Mário de Andrade esteve preocupado com a modernidade respirada mundialmente e refletiu no sentido de determinar a forma de acesso ao mundo moderno. A contribuição brasileira a ser dada à civilização universal sempre foi uma inquietação a qual o líder modernista não pôde se furtar<sup>8</sup>. Sob seu ponto de vista, era preciso que a cultura brasileira obtivesse expressão significativa no contexto mundial, contribuindo com certa feição original ao repertório da cultura universal. Eis aí a forma encontrada para que a modernidade fizesse parte do itinerário cultural do Brasil. Em carta ao amigo Sergio Milliet, o autor de *Macunaíma* refere-se à essa idéia dizendo:

E só se pode ser, sendo nacional. Nós temos o problema atual, nacional, moralizante, humano de abrigar o Brasil. Problema atual, modernismo, repara bem porque hoje só valem artes nacionais. O francês é cada vez mais francês, o russo, cada vez mais russo. E é por isso que têm uma função no universo, e interessam

<sup>7</sup> Cf. MORAES, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista. Sua dimensão filosófica*, op. cit., p. 98.

<sup>8</sup> Ancona Lopez observa, neste sentido, a trajetória de Mário de Andrade em relação a este problema: “Desde *Há uma gota de sangue em cada poema*, entende que a literatura deve servir à humanidade. Naquele momento, procura diretamente o universal, mas com o correr do tempo, movido pela consciência que tem das necessidades de independência artística, social e econômica de seu país, passar a visar a nacionalidade como etapa primeira da universalidade”. Cf. LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972. p. 11.

humanamente falando. Nós só seremos universais o dia em que o coeficiente brasileiro nosso concorrer prà riqueza universal<sup>9</sup>.

Esta idéia de que a universalidade apenas é passível de acesso na medida em que satisfeitas as condições locais de definição da identidade brasileira, aparece em toda obra marioandradina em decorrência da necessidade de posicionar o país no concerto universal.<sup>10</sup>

Para a compreensão deste problema, recorramos à tese da “dialética do localismo e do cosmopolitismo”<sup>11</sup>, empregada por Antonio Candido. Segundo as formulações do autor, o movimento da vida espiritual e literária do país pode ser apreendido através da “tensão entre o dado local e os moldes herdados da tradição européia”; este é um movimento dialético porque “consiste numa integração progressiva de experiência literária e espiritual”<sup>12</sup>. Neste sentido, os matizes locais se constituem na forma encontrada para que se evidencie o padrão universal da cultura brasileira. Em sentido diverso, Paulo Arantes prefere abordar o problema pautando-se na categoria de dualidade, afirmando que até a “ideologia do caráter nacional pautava-se por uma esquematização dual”, e “assim procedeu o Modernismo ao esquadrihar obsessivamente nossa virtual identidade nacional”<sup>13</sup>. Seja como for, tais encaminhamentos da questão sobre o universal e o nacional esclarecem muitas das posições de Mário de Andrade. Note-se que ser nacional é possuir uma “função no universo”. A situação nacional deve ser equacionada e descrita segundo alguns critérios. A originalidade da cultura, por exemplo, desempenha um papel fundamental neste sentido, pois a forma de contribuir para a universalidade deve partir do estabelecimento das características locais, não obstante haja a necessidade de reconhecimento das influências estrangeiras. No vértice dessa questão, o exemplo do programa de nacionalização artística proposto pelo autor é elucidativo, pois todo seu esforço consiste em reverter

<sup>9</sup> Carta datada de 10/12/1924. In: DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1985. p. 301. Grifos meus.

<sup>10</sup> Esta questão foi devidamente estudada por Eduardo Jardim de MORAES em seu ensaio Mário de Andrade: Retrato-do-Brasil. In: BERRIEL, C. E. (Org.). *Mário de Andrade, Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1990. p. 67-102.

<sup>11</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

<sup>12</sup> Idem, *Ibidem*, p. 110.

<sup>13</sup> Cf. ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 23.

o aspecto geral de uma cultura sem noção efetiva de nacionalidade em um elemento que sustente e defina a situação do país. Em outros termos, é preciso um traço original de cultura a ser aceito na arena mundial.

Contudo, o sentimento de inferioridade característico do brasileiro parece comprometer o fundamento desse anseio de projeção universal, ao ponto das expressões da cultura nacional no exterior se mostrarem com credibilidade abalada. A menção do líder modernista é elucidativa:

No fundo a generalidade dos brasileiros não temos confiança no que é nosso, a não ser que estranhos nos autorizam ao samba, a Carlos Gomes e à baía de Guanabara.<sup>14</sup>

Ainda que com a emergência do Modernismo brasileiro o sentimento de inferioridade tenha sido atenuado, não seria pertinente desprezá-lo como dado estrutural para o problema, pois ele se refere à indefinição da nacionalidade.

### **Modernidade e atraso: as faces de Janus**

O célebre dilema encontrado pelas nações situadas na periferia do capitalismo mundial consiste na polarização entre os fatores determinantes do atraso e a instauração da modernidade tardia. A um só tempo, esta dualidade tem servido de suporte a todos os anseios de compreensão e afirmação nacional. Evidente torna-se, portanto, a intenção de lidar com as questões locais sempre buscando um ponto de referência que possibilite o cotejo com os países hegemônicos.

A reflexão sobre as formas determinantes na composição de um país periférico deve pautar-se numa especulação que objetive o entendimento do contexto histórico-social em que foram gestadas as relações de dependência econômica. Calcadas nessas premissas, as avaliações sobre a formação social nacional não teriam um diagnóstico exclusivo. Na realidade, o caso brasileiro mantém uma relação de semelhança com aqueles países cuja existência fora engendrada pela dinâmica do capitalismo mercantil. Com efeito, todas as colonizações

<sup>14</sup> Cf. ANDRADE, Mário de. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*, 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. p. 24.

efetuadas neste espectro histórico correspondem ao vasto processo de acumulação primitiva do capital internacional. Em outras palavras, pode-se considerar que todo o processo gerador das nações periféricas fez parte e esteve subordinado ao comando da economia capitalista mundial<sup>15</sup>.

Assim, seria natural supor que o modo de produção existente na era colonial tivesse características capitalistas bem acentuadas, uma vez que se articulava à dinâmica do capitalismo mundial. Contudo, esta questão, tão controversa entre os estudiosos sobre a modernização brasileira, suscitou inúmeras interpretações. Embora o fulcro da economia colonial estivesse ligado ao eixo metropolitano e fosse dele parte integrante, cumpre lembrar que a incompatibilidade entre o escravismo aqui predominante e os ideais do liberalismo era um fato marcante da sociedade nacional. A limitação que o trabalho escravo trazia à organicidade da sociedade brasileira impunha sérios riscos à racionalidade produtiva fazendo com que a natureza capitalista no Brasil não passasse de uma “impropriedade”, uma “idéia fora do lugar”<sup>16</sup>. Deste ponto de vista, seria impossível conceber uma ordem capitalista plena na medida em que as condições necessárias para sua realização inexistiam no *locus* nacional. Portanto, talvez fosse melhor entendê-la como “o resultado da ‘combinação’ de diferentes modos de produção”<sup>17</sup>. Trata-se, neste caso, de uma originalidade frente ao padrão universal de acumulação capitalista. Para ilustrar de forma clara, poder-se-ia identificar uma “diferença”, em relação aos países hegemônicos. Conforme nota Paulo Arantes,

Éramos de fato o produto do movimento internacional do capital, mas embora este se desenrole em escala mundial, vai compondo elementos que são diferentes e assimétricos; distinguimo-nos assim do padrão geral

<sup>15</sup> Estas observações estão sustentadas pelos argumentos de Carlos Nelson COUTINHO. *Cultura e sociedade no Brasil*. In: *Cultura e Sociedade no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990. p. 35 e segts.

<sup>16</sup> A esse respeito consultar SCHWARZ, Roberto. *As idéias fora do lugar*. In: *Ao vencedor as batatas*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992. De todo modo, seria preciso assinalar que o liberalismo desempenhou papel fundamental como suporte ideológico para a emancipação colonial. Dentro desse espectro, Florestan Fernandes pondera que seu substrato consistia em “criar uma Nação num País destituído até das condições elementares mínimas de uma ‘sociedade nacional’”. Cf. FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 35.

<sup>17</sup> Cf. ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética ...*, op. cit., p. 47.

na medida em que a primitiva exploração colonial está na base da articulação entre sociedades dependentes e dominantes.<sup>18</sup>

Ainda que muitos autores desprezem esta interpretação sobre o perfil distinto do caso nacional, preferindo trabalhar com outras hipóteses, parece que todas as perspectivas de análise possuem um ponto de convergência. Mesmo considerando a coexistência entre escravismo e capitalismo inviável, a idéia de um capitalismo extensivamente constituído na era colonial fora descartada por várias correntes interpretativas.

Neste panorama, a tensão modernidade-atraso norteou a discussão sobre a identidade brasileira, pois que sugeriu à condição de país historicamente determinado pelo atraso uma especificidade – diante da qual a posição da nação despontara com originalidade. A diferença entre o nacional e o universal pode ser notada quando as condições do atraso brasileiro passam a constituir o elemento estrutural da modernidade. Isso explica, em larga medida, a razão de uma convivência relativamente harmoniosa com a modernidade mundial. Mais que isso, o contato com o moderno só foi possível em função da especificidade do atraso nacional. Conforme as ponderações de Arantes:

...estes países foram incorporados ao mundo moderno, quer dizer, ao mercado mundial, na qualidade de econômica e socialmente atrasados (fornecedores de matéria-prima e trabalho barato), *de sorte que a ligação destes com o novo se faz através do atraso*, que assim se torna estrutural, e em lugar de se extinguir, se reproduz, como atestava a industrialização recente da periferia.<sup>19</sup>

A ambivalência da formação nacional é, segundo a sugestão do autor, constante durante toda a história do país. Essa é a fórmula que permite atribuir a relevância do atraso nacional aos países periféricos no processo de construção da nacionalidade.

Em vista disso, a questão de maior importância consiste em averiguar quais foram as condições que possibilitaram o surgimento da modernidade nacional. Mais uma vez reportando-se ao padrão ocidental em que estão alicerçadas as estruturas cabais da modernidade, pode-se

<sup>18</sup> Idem, *Ibidem*, p. 38.

<sup>19</sup> Idem, *Ibidem*, p. 37. Grifos meus.

ter a resposta a partir da diferença a que nos referimos anteriormente. Sabe-se que o capitalismo brasileiro não seguiu o padrão clássico de desenvolvimento. A burguesia nacional adotou sempre uma linha de procedimento que não correspondia ao estilo de “*paladina da civilização*”, “preferindo a mudança gradual e a composição a uma modernização impetuosa, intransigente e avassaladora”<sup>20</sup>. A especificidade da transição para o capitalismo brasileiro, só poderia ser dimensionada quando considerada a importância do passado na formação da sociedade nacional. Com efeito, a teia social originária da modernidade contém em si os germes da própria formação nacional. Ao discutir essa questão, Walquíria Leão Rego pondera:

De modo diverso, a compreensão da particularidade do caso brasileiro remete necessariamente à natureza da nossa experiência colonial que, ao contrário de quase todas as outras, nos legou uma precoce unidade política, configurada numa estrutura estatal bastante moderna. Todavia, o traço individualizador repousa na experiência da escravidão negra: sua duração no tempo, sua extensão espacial, ocupando a totalidade do território nacional, sua indispensabilidade à acumulação econômica, sua força como instituição, configuradora de hábitos e costumes político-sociais e, sobretudo, a profundidade com que impregnou nossas entranhas<sup>21</sup>.

Partindo desse emaranhado de peculiaridades, a construção da modernidade brasileira pode ser pensada no momento em que os primeiros indícios de formação de uma sociedade de classes foram sentidos e a industrialização começa a motivar a nova transformação por que passava a estrutura social. É assim que a incompatibilidade entre os ideais liberais e o escravismo colonial começa a despontar com uma lógica própria, fazendo com que aquela “impropriedade” adquira um caráter menos acentuado. Isso possui um sentido correspondente a tentativa de universalização na medida em que o caso brasileiro estaria sendo colocado frontalmente com as nações dominantes. Conforme observa Carlos Nelson Coutinho:

<sup>20</sup> FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica*, op. cit., p. 204-205.

<sup>21</sup> Cf. LEÃO REGO, Walquíria. Questões sobre a noção de via prussiana. In: LEÃO REGO, Walquíria, ANTUNES, Ricardo (Orgs.). *Lukács: um galileu no século XX*. São Paulo: Boitempo, 1996, p. 123.

Com o início da industrialização, ou, mais precisamente, com a transição do modo de produção interno à fase propriamente capitalista (...), as idéias importadas vão cada vez mais 'entrando em seu lugar', tornando-se mais aderentes às realidades e aos interesses de classe que tentam expressar. E isso porque a estrutura de classe da sociedade brasileira vai se tornando essencialmente análoga à estrutura de classes da sociedade capitalista em geral.<sup>22</sup>

Também no plano cultural esta modernidade estava sendo experimentada de modo a acompanhar o desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Não se trata de dizer que o atraso estivesse sendo suprimido no meio cultural brasileiro, mas sob a interessante roupagem da novidade industrial adquiria contornos específicos<sup>23</sup>.

Tomando como referência o momento de transformações operadas nos anos 1920, a incipiente industrialização parece constituir em ponto chave para a compreensão do futuro capitalista do Brasil. De maneira evidente, a transição da economia agroexportadora para o reino da industrialização somente ganhou consolidação a partir da década de 1930, mas se atentarmos para sua relevância ainda no final da década anterior, teremos a noção clara de que já se iniciava um movimento que privilegiava o setor industrial, tornando-o, muitas vezes, "capaz de expressar, na esfera política, seus interesses específicos, junto aos centros de decisão".<sup>24</sup> Assim, mesmo dotada da *tibiez* característica dos países subdesenvolvidos, a industrialização nos oferece o primeiro indício de modernidade rumo ao padrão mundial de acumulação capitalista. Entretanto, sob o estigma do atraso ela esteve vinculada às estruturas que orientaram a nação em sua relação com a história pretérita. Moderno e atrasado representam, pois, os elementos chaves para o entendimento da nacionalidade. Não existindo possibilidades de mantê-los dissociados, a tradição e o moderno só podem ser tratados como pólos interdependentes na história da República brasileira. Como esta tensão é estrutural na esfera da análise sociológica, seria necessário atribuir a cada um desses elementos o papel que

<sup>22</sup> Cf. COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil*, op. cit., p. 41.

<sup>23</sup> Cf. VIANNA, Luiz Werneck. O moderno na política brasileira. In: *Presença. Revista de Política e Cultura*, n. 5, p. 41, jan. 1985. p. 41.

<sup>24</sup> Cf. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930. Historiografia e História*. 14ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1994, pág. 23.

desempenharam nos rumos de ingresso à civilização ocidental moderna. De acordo com Werneck Vianna:

Não que o atraso se mascare de moderno, e menos ainda que o moderno negue o atraso. Composição de contrários que mutuamente se sustentam, a modernidade começa seu caminho sem rupturas com o passado, e esta será, em nossa história republicana, sua marca de origem da qual ainda hoje não se desprende, sempre reiterando e renovando uma coalizão entre classes e elites dominantes de papéis sociais novos com os tradicionais.<sup>25</sup>

Esta é a síntese entre passado e presente, uma síntese que não obscurece a natureza da nação cujo atraso figura como intensa inquietação inclusive no campo cultural. Seja como for, a transição para a modernidade burguesa só teria sido possível em função da “ ‘vocalização a conciliar com o atraso’, o que dá sentido às composições políticas com forças sociais comprometidas com a manutenção de padrões cruéis de domínio e exclusão social”<sup>26</sup>.

Sem esquecer que a contribuição original do Brasil para a integração à universalidade era algo específico quando em comparação aos países hegemônicos, o desconforto cultural aqui existente ensejou a irrupção de uma “visão de mundo peculiar”, em que a tarefa da intelectualidade consistia em mediar a relação entre o destino nacional e a realidade mundial. Conforme assinala Paulo Arantes:

Sem ser propriamente uma vantagem, o atraso produzido pela modernização (e que não é portanto qualquer), confere à experiência brasileira, quer dizer, ao sentimento diferencial de uma sociedade em permanente confronto com seu duplo de além-mar, uma espécie de ponto de vista próprio, e o que é mais importante convergindo com os efeitos que nos países centrais decorriam do colapso da tradição burguesa. Numa palavra, a ação dissolvendo capricho desprovincianizava o Brasil, em larga medida pelo que nela contrariava as finalidades da referida tradição.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Cf. VIANNA, Luiz Werneck. “O moderno na política brasileira”, op. cit., pág. 38.

<sup>26</sup> Cf. LEÃO REGO, Walquíria. Questões sobre a noção de via prussiana, op. cit., p. 122.

<sup>27</sup> ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética*..., op. cit., p. 100.

Assim, observando esta formulação em relação à “dialética do localismo e do cosmopolitismo”<sup>28</sup>, assinalada por Antonio Candido, podemos sugerir que a ambigüidade do atraso brasileiro fez com que se processasse o desrecalque localista, plasmando uma configuração original na qual o atraso e a modernidade se integrassem afinados a um concerto único.

### As implicações do atraso na obra de Mário de Andrade

A respeito da perspectiva apontada sobre a formação nacional do capitalismo no Brasil é preciso salientar em que sentido o atraso e a modernidade eram sentidos e avaliados por Mário de Andrade. O ponto de que partimos para esta discussão está circunscrito à hipótese de que a condição periférica da nação brasileira teve repercussões em setores da produção cultural, muitas vezes acarretando numa espécie de mal-estar entre os intelectuais. Mais precisamente, o questionamento sobre o atraso nacional na obra marioandradina pode ser averiguado a partir da relação entre produção cultural e situação de dependência econômica. Não seria por demais arriscado assinalar que este aspecto de sua obra fora privilegiado em função de suas inquietações para com as condições capazes de viabilizar a construção de uma arte original. Ao que tudo indica, a análise das contradições já mencionadas pode servir de suporte a esse exame desde que seja considerada como pedra angular do problema a relação Metrópole-Colônia. É por meio dela que o sintoma de marginalidade é captado pelo autor, em vários momentos de sua vasta produção.

Em texto que versa sobre a obra de Aleijadinho, o crítico modernista identifica o período que vai de 1750 à 1830 como o “de maior mal-estar para a entidade nacional brasileira”<sup>29</sup>. A despeito desse incômodo, reconhece uma enorme influência da Colônia sobre a Metrópole que se faria sentir, por exemplo, pela superioridade das modinhas brasileiras<sup>30</sup>. Quando a imposição política metropolitana deixara de existir sobre o Brasil, a colônia continuou afirmando-se com relativa autonomia:

<sup>28</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, op. cit.

<sup>29</sup> ANDRADE, Mário de. O Aleijadinho. In: *Aspectos das artes plásticas no Brasil*, op. cit., p. 11.

<sup>30</sup> Convém lembrar aqui que a origem das modinhas é controversa. De acordo com Mário de Andrade: “Os portugueses, com rara exceção, dizem-na portuguêsua. E os brasileiros querem-na brasileira. A documentação existente parece não provar nada e as opiniões se formam apenas por dedução e... patriotismo. (...) Me baste apenas lembrar que tanto portugueses despreocupados de fazer História, como viajantes estrangeiros que nos fins do sec. XVIII e primeiro semi-século seguinte visitaram Portugal, testemunharam constantemente a superioridade da *Modinha brasileira* e o domínio que ela manteve *alem-mar*”. Consultar ANDRADE, Mário de. *Modinhas imperiais*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. p. 5. Grifos meus.

A Colônia, por força das suas circunstâncias econômicas unicamente, e sem a mais mínima intervenção política de Portugal, fazia dois séculos que vinha se enriquecendo de algumas realizações artísticas.<sup>31</sup>

Na visão marioandradina, esta afirmação colonial tinha como ponto de sustentação a genialidade dos mulatos brasileiros, pois eram eles que faziam com que a expressão artística nacional tivesse certa difusão e que fosse aceita pelas injunções da metrópole. Dentre todos esses mulatos, Aleijadinho aparece integrando o que o autor qualificou como “surto coletivo de racialidade brasileira”<sup>32</sup>. Diante de tanta expressividade e condições para se produzir arte colonial, a inquietação de Mário de Andrade consistia em conhecer a origem dessa força artística. Suas observações parecem não deixar dúvidas de que ela residia na condição atrasada do país. Vejamos:

A que força real da Colônia tudo isso correspondia? A quasi nenhuma já. Eram o eco atrasado da grandeza econômica. Toda essa gente gloriosa chegava tarde; e, depois da festa acabada, é que se punha enfeitando o salão. Quando o Recôncavo brilhou de negócio e dinheiro, a nacionalidade incipiente não formulara um nome de pintor ou de escultor que a representasse.<sup>33</sup>

Ao apontar Aleijadinho como o “único que se poderá dizer nacional, pela originalidade das suas soluções”<sup>34</sup>, o autor colocava novamente a problemática do transplante de valores europeus para solo brasileiro – fato “dominante” e “rico em conseqüências”, conforme assinalaria Sergio Buarque anos depois ao explicar as raízes da formação brasileira<sup>35</sup>. Com efeito, a genialidade do escultor mineiro fora situada como a possibilidade de ajustar tais valores ao Brasil, fazendo que fossem nacionalizados. De acordo com suas ponderações:

...mas engenho já nacional, era o maior boato-falso da nacionalidade, ao mesmo em que caracterizava toda

<sup>31</sup> ANDRADE, Mário de. *O Aleijadinho*, op. cit., p. 13.

<sup>32</sup> Idem, *Ibidem*, p. 13.

<sup>33</sup> Idem, *Ibidem*, p. 18.

<sup>34</sup> Idem, *Ibidem*, p. 41.

<sup>35</sup> BUARQUE, Sérgio. *Raízes do Brasil*. 25. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993. p. 3.

falsificação da nossa entidade civilizada, feita não de desenvolvimento interno, natural, que vai do centro pra periferia e se torna excêntrica por expansão, mas de importações acomodáticas e irregulares, artificial, vinda do exterior. (...) Por outro lado, ele coroa, como gênio maior, o período em que a entidade brasileira age sob a influência de Portugal. *É a solução brasileira da Colônia*. É o mestiço e é logicamente a independência. (...) *Vem economicamente atrasado, porque a técnica artística nas Minas foi mais lenta a se desenvolver, que o esplendor econômico feito apenas das sobras dum colonialismo que visava unicamente enriquecer Portugal*”<sup>36</sup>.

Assim posto, a esperança de supressão do mal-estar reiteradamente mencionado pelo escritor gravitara em torno da nacionalização dos valores portugueses. Não é à toa que à *Aleijadinho* fosse atribuído o epíteto de “solução brasileira da Colônia”, pois que “reinventava o mundo”, “abrasileirando a coisa lusa”<sup>37</sup>.

Em outros textos, a análise marioandradina também estabelece a relação direta entre a criação artística e a situação de dependência econômica. No entanto, essas críticas padecem da falta de uma explicação criteriosa, capaz de evidenciar quais os fatores que impedem a criação original. Mesmo quando a questão consiste na performance do artista, a situação atrasada do país não deixa de ser assinalada como a causa responsável pela falta de técnica<sup>38</sup>. Assim, a posição do país diante da arena universal estaria condicionando a implausibilidade de uma cultura lídima afirmar-se. Ao falar sobre a música popular brasileira, o autor nota que seu problema de constituição deve-se ao fato de sermos uma nacionalidade em formação:

Aliás o problema da música popular brasileira é de natureza muito especial, pelo fato de sermos uma

<sup>36</sup> ANDRADE, Mário de. *O Aleijadinho*. op. cit., p. 41. Grifos meus.

<sup>37</sup> Idem, *Ibidem*, p. 41-42.

<sup>38</sup> Mário de Andrade afirma: “Na verdade a situação do compositor brasileiro contemporâneo é muito difícil. De maneira geral, e com a ressalva de uns três ou quatro, falta-lhe técnica, e o *estado econômico do país é que mais condiciona esta falha*”. Cf. ANDRADE, Mário de. *Aspectos da música brasileira*. Belo Horizonte: Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991, p. 26. Grifos meus.

nacionalidade de formação recente não propriamente autóctone. As próprias condições e progressos de feição americana, transformaram poderosamente o processo de nossas manifestações, populares ou não”.<sup>39</sup>

Atente-se para a expressão “nacionalidade de formação recente” que condensa, ao nosso ver, a chave para a compreensão do atraso na obra marioandradina. A indicação da situação brasileira qualificada como “recente” imprime certa dose de reconhecimento quanto à falta de uma cultura já sedimentada. A inquietação a que se pretende resposta, neste caso, deve localizar-se não mais na relação Metrópole-Colônia, *strictu sensu*, mas genericamente conforme a ligação entre o centro e a periferia dos países capitalistas. Uma curiosa noção utilizada por Mário de Andrade passa a figurar como eixo dessas questões. Ao se referir à condição de país dominado no cenário mundial, o autor recorre aos termos “civilização de empréstimo” ou “civilização importada”.

Salvo engano, estes conceitos aparecem em seus ensaios para designar a insuficiência do Brasil em se adequar ao horizonte da modernidade. Ainda que se esteja incorrendo em equívoco, poder-se-ia dizer que tal noção é útil para assinalar a dependência nacional diante das nações colonizadoras e a forma de desenvolvimento econômico por ela assumida. A idéia de “civilização importada” denota que os países dominados pela dinâmica do capital mundial formaram-se de modo forçado, ou seja, não tiveram oportunidades de se erigir como nação autônoma. A relação necessária entre as imposições hegemônicas e a forma de desenvolvimento periférico aparece como o fulcro da construção da nacionalidade. Notemos o parecer do autor:

Ora os países de civilização importada, os países colônias são, por definição, países internacionais, nacionalidades antropológicas que se formam por acrescentamento muito mais que por evolução natural.<sup>40</sup>

Também detendo-se ao exame da técnica artística, em vários escritos, o autor qualifica a civilização de empréstimo como “mais ou menos

<sup>39</sup> Cf. ANDRADE, Mário de. *Ensaio sobre a música brasileira*. op. cit., p. 164.

<sup>40</sup> Cf. ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo: Martins; Brasília: I.N.L., 1972. p. 167.

desenvolvidas artificialmente e à força<sup>41</sup>. Ambas as indicações evidenciam a marginalidade da cultura brasileira.

Para restringir a questão ao problema proposto e averiguar quais as implicações do atraso nacional na formação da nacionalidade, poderíamos adotar como válida a noção de “civilização importada”, na medida em que expressa a natureza descompassada do país e mostra como o curso de fomento à cultura é embotado por esta condição. Assim, a consideração anteriormente verificada sobre as formas de atingir a modernidade assume pertinência.

Não se esquecendo que a questão do atraso deve ser entendida a partir da relação entre nacional e universal e que o suposto da modernidade está calcado na construção da nacionalidade, como equacionar a conquista da modernidade para os intelectuais da geração de 1920? Ao que tudo indica, as formas propostas pelo primitivismo e a fusão das tradições na modernidade parecem ser a única alternativa. Em outras palavras, se a situação dependente do país atravancava a conquista da modernidade, seria necessário dispor de um elemento que pudesse suprir esta debilidade nacional. Assim, o “coeficiente brasileiro” de cultura a que Mário de Andrade se referia como única alternativa para o ingresso à modernidade pode ser aceito, sem quaisquer temores, como a forma peculiar de resgate ao passado nacional. É o próprio autor quem diz:

Nós só seremos de deveras uma Raça o dia em que nos tradicionalizarmos integralmente e só seremos uma Nação quando enriquecermos a humanidade com um *contingente original e nacional de cultura*. (...) Nós já temos um passado guaçu e bonitão pesando em nossos gestos; *o que carece é conquistar a consciência desse peso, sistematizá-lo e tradicionalizá-lo, isto é, referi-lo ao presente*<sup>42</sup>.

Em vista disso, a modernidade aspirada pelos modernistas de vinte só poderia ser encontrada por meio das tradições. Ao dizer que “a revolta é uma quebra de tradição, revolta acabou a tradição continua evoluindo”<sup>43</sup>,

<sup>41</sup> Cf. ANDRADE, Mário de. *Aspectos da música brasileira*, op. cit., p. 11.

<sup>42</sup> Cf. ANDRADE, Mário de. Assim falou o papa do futurismo. In: *Entrevistas e depoimentos*. ed. org. por Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. p. 18-19.

<sup>43</sup> Idem, *Ibidem*, p. 18.

o escritor modernista sugeria a importância das tradições no processo de modernização nacional. A partir disso, não há como se esquivar do fato de que a modernidade nacional do período em questão consiste numa síntese entre moderno e atraso. Eis o sentido do atraso para a nacionalidade – a convivência com o anseio de modernização efetivado pela tradição. Assim, ao perceber que as formas tradicionais são constitutivas do próprio caráter nacional, Mário de Andrade deixa implícito que há uma ambigüidade determinante deste caráter. Uma maneira interessante de encará-la consiste na contemplação de traços modernos e tradicionais caminhando unidos num mesmo processo – característica fundamental da revolução burguesa no Brasil. Embora não se propusesse a sistematizar a equação sobre o modo de modernização nacional, o autor talvez tenha superado o dualismo analítico do período, uma vez que os elementos componentes deste dilema estiveram presentes em sua obra. E ainda prosseguindo nesta linha, o convívio entre atraso e modernidade expunha o Brasil a duas faces sob as quais seria viável pensar a originalidade da formação nacional. De modo claro, esta ambigüidade fazia com que a racionalidade burguesa se opusesse à prática do culto ao ócio – tão defendida por Mário de Andrade em suas teses sobre a criação artística. Paulo Arantes exemplifica lucidamente este ponto ao dizer que

No centro de nosso desequilíbrio, mais uma vez, a dupla fidelidade que nos dividia e fraturava o país: de um lado a aspiração burguesa, toda ela energia, cálculo e progresso; no campo oposto, o outro Brasil, onde a existência transcorreria sem projeto, de costa para a ética ocidental do trabalho, entregue à indiferença da preguiça, para ficarmos nos termos em que o próprio Mário de Andrade expôs nosso destino de duas caras.<sup>44</sup>

Nos meandros desse panorama especulativo, a experiência modernista equacionou a nova realidade social que se descortinava no horizonte brasileiro quando a projeção moderna da nação se colocava como um imperativo. Com efeito, “o cadinho da velha cultura colonial-escravista se vinha alterando com a entrada do Brasil (e de São Paulo, em primeiro lugar) no regime da industrialização, da imigração, da modernização

<sup>44</sup> ARANTES, Paulo. *Sentimento de dialética ...*, op. cit., p. 24.

enfim”<sup>45</sup>. Exemplo expressivo disto também pode ser notado ao situar *Macunaíma* como obra inscrita no anseio de “compreender o país, acusar as suas mazelas, mas remir a hipoteca das teorias colonizadoras e racistas que havia tantos anos pesava sobre a nossa vida intelectual”<sup>46</sup>. O fato de Mário de Andrade, e a própria geração de vinte, estarem propugnando formas de atingir a modernidade significa que estavam vivendo um momento intenso de transformações sociais e precisavam participar ativamente desse processo, explicando-o da maneira que lhes era conveniente. Entretanto, tais transformações continham apenas os germes do que posteriormente viria a se consolidar como a modernidade. Esta, “virá pelas mãos das novas elites que dão forma, em 1930, ao novo Estado burguês”<sup>47</sup>. Assim sendo, a modernidade em 1920 deve ser vista apenas como um projeto, “um valor em si”<sup>48</sup>, posto que não poderia ser registrada como um dado concreto da realidade social e que não dispunha de condições reais para alimentar a construção da nacionalidade.

Diante desta circunstância, a postura do Modernismo de 1920 consistiu na construção das condições necessárias para a instauração da modernidade nacional no campo da cultura. Isso não significa que os indícios da modernidade estética estavam sendo descartados, afinal se houve um ponto em que a modernidade pôde ser observada na década em questão, ele se fundamenta na nova linguagem proposta pelos participantes da Semana de Arte Moderna. Desse ponto de vista, seria errôneo dizer que a modernidade literária estivesse deslocada do patamar universal de cultura. Afinal, em *Macunaíma* a linguagem que funde a erudição aos temas populares não pode ser descartada como reflexo de uma revolução estética bem-aventurada. Neste sentido, a contribuição original da nacionalidade esteve respaldada na coexistência de tradição e modernidade, objetivando a supressão do inconveniente sentimento de inferioridade provocado pelo atraso nacional diante das nações hegemônicas.

<sup>45</sup> Cf. BOSI, Alfredo. Situação de Macunaíma. In: ANDRADE, Mário de. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. ed. coord. por Telê Porto Ancona Lopez. Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe siècle. Brasília, D.F.: CNPq, 1988. p. 177.

<sup>46</sup> Idem, *Ibidem*, p. 179.

<sup>47</sup> A esse respeito consultar VIANNA, Luiz Werneck. O moderno na política brasileira, op. cit., p. 40.

<sup>48</sup> Cf. ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 37.

## Vantagens do Atraso?

Embora o anseio de modernizar o Brasil parecesse ainda constituir-se de uma idéia com poucas possibilidades de consecução, a industrialização incipiente e a construção da vida tecnizada e urbana em muito contribuíram para a formação de uma sociedade de classes que, aos poucos, foi cultivando *sintonia* com o padrão universal de acumulação capitalista<sup>49</sup>. Como procuramos sugerir, o atraso nacional pode ser visto como um componente da nacionalidade e desponta também como elemento que sugere à situação periférica do país uma especificidade diante dos países centrais do capitalismo mundial. Não seria por demais arriscado assinalar esta especificidade como quesito da projeção brasileira no reino universal das nações. Através do recurso às tradições nacionais, a aceitação desse atraso representa uma vontade imperiosa de modernização da nação. Assim posto, não se configura mais como um entrave à modernidade, um empecilho para que o progresso possa gravitar em torno do Brasil.

Entretanto, seria necessário salientar que esta temática constitui ponto ambíguo na obra de Mário de Andrade. Em sua avaliação, o atraso nacional figura na composição das “civilizações de empréstimo” e, de maneira peculiar, indica algumas de suas concepções quando transpostas à dinâmica do panorama universal do desenvolvimento capitalista. Em certos depoimentos é possível perceber que a referência ao atraso é notada como condicionante de um improvável destino legítimo para a cultura nacional. Por outro lado, ao tomarmos como válida a equação de modernização nacional por meio das tradições, somos levados a crer que é através da situação atrasada que a especificidade do Brasil pode ser garantida. Em outras palavras, o quesito constitutivo do “contingente original de cultura” é visto por meio da configuração do atraso brasileiro; sua originalidade confere ao país a plausibilidade de operar a modernização. Com efeito, se a mencionada ambigüidade é uma expressão pertinente no pensamento do autor, temos uma visão paradoxal do atraso: a um só tempo, obstáculo e vantagem<sup>50</sup>. As faces de Janus não se referem apenas

<sup>49</sup> Essas considerações encontram respaldo analítico na idéia de uma “dialética da adequação e inadequação”, desenvolvida por Carlos Nelson Coutinho em “Cultura e sociedade no Brasil”, op. cit.

<sup>50</sup> Ao pensarmos o atraso como vantagem referimo-nos à possibilidade de projeção cultural do Brasil e não aos processos revolucionários de transição ao capitalismo formulados pela tradição marxista. Com relação a este ponto, consultar VIANNA, Luiz Werneck. Vantagens do moderno, vantagens do atraso. *Presença. Revista de Política e Cultura*, n. 12, p. 146-162, jul. 1988.

à constituição da formação nacional, mas encontram-se presentes também na fantasia modernista de Mário de Andrade.

Partindo da análise aqui empreendida resta-nos salientar que o papel do autor neste espectro de questões sobre a nacionalidade converteu-se em referência fundamental para os estudiosos da questão nacional. Em toda sua trajetória é possível notar o teor de seu compromisso assumido com vistas a entender o Brasil. Presenciando várias etapas decisivas da vida nacional e desempenhando inúmeros papéis dentro dos dilemas impostos pelas transformações sociais e culturais, o líder do Modernismo brasileiro estabeleceu uma base notável de equilíbrio entre as aspirações nacionais e a vontade de universalização da cultura brasileira. Abandonando muitas vezes seu individualismo artístico, Mário de Andrade intensificou o espírito de coletividade que julgava essencial ao intelectual moderno e se dedicou a projetos de relevância nacional. Não é estranho que ao colocar reparo em sua vida e analisar sua conduta, estivesse insatisfeito com os rumos tomados pelo Modernismo ao longo dos anos. O ano de 1942, parece ser o momento decisivo no que diz respeito a esse processo de catarse individual e que não deixa de comprometer toda uma geração de intelectuais participantes da revolução modernista. Seu depoimento amargurado incita a adoção de uma nova postura capaz de propiciar o “amplioramento político-social do homem”:

Mas estou convencido de que devíamos ter nos transformado de especulativos em especuladores. (...) Não. Viramos abstencionistas abstêmios e transcendentes. (...) Si de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, esperando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciência ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espíões da vida, camuflados em técnicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões.<sup>51</sup>

Seja como for, nos horizontes que encerram a questão da modernidade nacional, a discussão sobre a nacionalidade passa, no período examinado, a figurar como estratégia que enseja simbolicamente a

<sup>51</sup> Cf. ANDRADE, Mário de. *O Movimento Modernista*. In: *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Martins, 1974. p. 253, 255.

conquista da modernidade. A obra do modernista Mário de Andrade esteve circunscrita ao panorama mais amplo desta conquista ao fazer com que a construção da nacionalidade fosse visada como princípio capaz de suprimir a insatisfação de viver na contramão da cultura universal.

#### ABSTRACT

*Mário de Andrade and the Brazilian Backwardness.*

Discusses the concept of nationality among Brazilian intellectual during the twenties in the twentieth century. Shows the way Mário de Andrade faced that problem, pointing out how the São Paulo's intellectual regards Brazil's social backwardness as a possible original trait of culture, less an obstacle than an advantage to the insertion of the country in modern world.

**Key words:** Mário de Andrade, backwardness, nationality, modernization, modernism.

#### RÉSUMÉ

*Mário de Andrade et le retard brésilien.*

L'auteur analyse le concept de nationalité parmi les intellectuels des années 20 du siècle passé. Il montre comment Mário de Andrade voyait le problème, observant, qu'en tant qu' intellectuel pauliste, il envisage le retard social du Brésil comme un "aspect original de culture" possible, l'associant moins à une entrave qu'à un avantage, pour l'insertion du Pays dans le monde moderne.

**Mots-clé:** Mário de Andrade, retard, nationalité, modernisation, modernisme.

